

Bom dia, queridos, colegas, é uma satisfação enorme estar presente na OAB nesse dia festivo, em que celebramos especialmente o Dia do Advogado público e o Dia Internacional da Mulher.

Como advogada pública e mulher que sou, dentro desse lugar de fala, recebi o honroso convite do amigo Lívio, nosso ilustre representante da ANAFE, associação que também celebra seus 09 (nove) anos de existência nesse mês, para tecer algumas palavras nessa ocasião. Prometo que serei breve.

Quero trazer primeiramente uma notícia, talvez já conhecida pela maioria, que diz respeito à adesão da AGU, no dia 08.03.2025, ao Selo de Igualdade de Gênero para Instituições Públicas do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a partir da qual a AGU comprometeu-se a seguir indicadores de equidade, em alinhamento à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), que traz a igualdade de gênero entre seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). O ODS nº 5 prescreve como meta "Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas". No mesmo dia, a Procuradoria-Geral Federal assinou uma Portaria para incentivar a igualdade de gênero nas funções de direção do órgão, normativo a partir do qual há um estímulo para indicação de mulheres para cargos de liderança na instituição.

A partir dessa notícia, trago uma reflexão para nossa manhã. A reflexão poderia ser relacionada às inúmeras causas, motivos e justificativas que levam a, em pleno ano de 2025, ainda ser necessária a adesão da AGU a um objetivo (ODS) da ONU que conclama pela igualdade de gênero e à necessidade de a PGF ter um normativo para estimular mulheres a assumir cargos de liderança.

Como se trata de uma questão complexa e multifatorial, vou me ater apenas a uma reflexão específica, para que possamos pensar em conjunto: peço que vocês reflitam sobre o trabalho invisível do cuidado que é feito em grande maioria pelas mulheres, a gerar uma sobrecarga emocional e mental a nos afastar de cargos de liderança, a desistir de buscar mais qualificação, a não conseguir crescer e progredir na carreira na mesma velocidade que os homens. A porta de entrada é igual, ao menos na advocacia pública (concurso público), mas no decorrer dos anos é notória a dificuldade de ascensão das mulheres na mesma proporção que os homens, tanto é verdade que, como dito, foi editada uma portaria na PGF para estimular as mulheres a alçarem funções de liderança.

Pode parecer até estranho eu trazer essa fala, pois já tive a oportunidade de ser chefe da Procuradoria no RN. Por outro lado, verdade seja dita, eu só consegui desempenhar minha missão por ter uma rede de apoio forte a me amparar, a começar pelo meu esposo. E mesmo sendo privilegiada, contando com minha mãe, sogra, funcionária do lar, irmãs e marido para me

auxiliar, eu ainda me sentia muitas vezes sobrecarregada, pois mesmo que eu contasse com a ajuda de muitos, para ter essa ajuda eu precisava planejar e determinar quem faria o que, as inúmeras atividades relacionadas ao cuidado também estavam na minha lista de tarefas, tal qual as tarefas do meu grid do sapiens. Hoje há um nome próprio para esse fenômeno, que eu só viria a conhecer anos depois: carga mental.

A carga mental que assola muitas mulheres é reforçada porque culturalmente somos tidas como as únicas responsáveis pelo cuidado da casa, dos pais, dos filhos, dos amigos, além dos cuidados cotidianos da vida. Eu pergunto: quantos de nós que estamos aqui lavaram e passaram a roupa que estão vestindo? Quantos de nós cozinham sua própria comida ou limpam a casa para deixar tudo organizado e vir a esse evento? Pouquíssimos, talvez. E mesmo as mulheres que não fizeram esse serviço, possivelmente só estão aqui hoje porque há uma outra MULHER cuidando dessas tarefas em casa. E todo esse trabalho é invisibilizado e não valorizado na sociedade.

E são essas tarefas invisíveis e cotidianas que muitas vezes afastam nós mulheres de ocupar postos de lideranças, pois avançamos muito na conquista de espaço no mercado de trabalho, mas pouco avançamos na partilha justa e igualitária das funções do cuidado. Li um livro interessantíssimo intitulado “Quem vai fazer essa comida? Mulheres, trabalho doméstico e alimentação saudável?” em que a autora trouxe a seguinte constatação: existe um ponto em comum que une Adam Smith e Karl Marx, apesar de trilharem visões de mundo diametralmente opostas: ambos puderam estudar e desenvolver suas teorias porque tinham respaldo de mulheres para fazerem o trabalho invisível de cozinhar a comida, lavarem suas roupas, cuidarem dos seus filhos.

Acredito que passando a valorizar e dividir esse trabalho invisível, teremos muito mais mulheres disponíveis para ocupar as funções que desejarem ou mesmo para se qualificarem mais e até agregarem com outras atividades o trabalho na advocacia pública.

Por fim, também trago uma reflexão partindo de minha experiência pessoal enquanto exercia um cargo de liderança: em algumas ocasiões, não me senti à vontade para dizer que precisava sair no meio de uma reunião porque o dente da minha filha caiu na escola e ela só queria a mãe; que não queria receber ninguém na minha sala porque naquele dia estava com cólica e uma dor de cabeça terrível; ou mesmo que eu senti medo ao viajar a trabalho sozinha e pegar um táxi tarde da noite numa cidade desconhecida. Esses fatos foram reais e certamente eu só senti o que senti por ser mulher. Sentimentos que tive de lidar e que sequer era motivo de preocupação de muitos de meus colegas

homens, não porque não tinham empatia comigo, mas porque não precisavam se preocupar com essas questões, que são tão próprias do universo feminino.

Então, meus amigos, se posso plantar uma semente no coração de vocês na reflexão sobre o dia da mulher é esta: tornem visível o trabalho árduo e invisível historicamente destinado a suas mães, funcionárias, filhas, esposas, irmãs. Tornar visível não se trata apenas de valorizar, mas de fazer junto. Acredito num mundo melhor no qual homens e mulheres não estejam em lados opostos, mas andem de mãos dadas, partilhando em igualdade de condições as alegrias e desafios da vida.

Eu amo ser mulher, com todos os desafios que temos. Tenho duas filhas meninas e desejo de coração que elas cresçam num mundo mais justo e igual para homens e mulheres. Eu honro todas as mulheres que me antecederam para eu chegasse até aqui e espero contar com a colaboração dos advogados e advogadas para que possamos, juntos, pavimentar uma sociedade mais igual, justa e fraterna!

Em 28.03.2025

Flávia Camilla M. da V. P. Pascoal